

4. BRINCANDO NA EMEI JAGUARÉ

Alessandra Müller

Arthur Müller

A Emei Jaguaré se localiza no bairro de mesmo nome, na zona oeste da cidade de São Paulo. Atende crianças em idade entre os quatro e seis anos, divididos em infantil I, com crianças entre 4 e 5 anos, infantil II, com crianças entre 5 e 6 anos. Na escola, há dois turnos disponibilizados para a comunidade: das 7 às 13 e das 13 às 19 horas. A escola conta ainda com 30 professoras efetivas, sendo que 4 estão readaptadas. A participação da comunidade é considerada satisfatória. Em média, 60% dos pais comparecem aos eventos e reuniões patrocinados pela escola. A Emei atende à comunidade localizada bem próxima. O presente trabalho aconteceu com turmas do infantil

A ideia de trabalharmos com o currículo cultural de Educação Física dentro da Emei surgiu a partir de suas frentes: 1) o interesse da professora em trazer essa prática pedagógica para dentro da escola; 2) o projeto pedagógico da escola preconizar o estudo e a vivência das diferentes brincadeiras. Esse trabalho se iniciou com a pretensão de inserir uma formação culturalmente orientada para a professora para que ela, a partir dos registros e das conversas com as crianças, elaborasse sua própria rota cultural. Após estabelecermos as ações sobre o currículo, elaboramos uma conversa para os pais, a fim de apresentar o projeto e para que este passasse pela aprovação do Conselho de Escola. Durante a reunião, a professora apresentou o projeto e possibilitou uma roda de conversa com os pais presentes para que as dúvidas fossem sanadas. Em seguida, abriu-se para votação e o projeto foi aprovado.

Vale ressaltar que o currículo culturalmente orientado de Educação Física concebe a Educação Infantil a partir do viés da sociologia e não da psicologia. Por essa razão, as pretensões pautadas em expectativas de aprendizagem, de acordo com a maturação e a faixa etária, saem de cena para dar lugar à constituição da cultura cons-

truída pelas crianças a partir de suas próprias representações, principalmente aquelas que carregam de dentro da escola.

A primeira ação foi uma nova leitura do projeto pedagógico da escola para que as pretensões pedagógicas ficassem alinhadas aos anseios da escola. De largada, estruturamos o trabalho da seguinte forma:

- O trabalho seria desenvolvido nos dois turnos que a professora pratica sua docência: manhã e tarde.
- Os horários e o dia da semana seriam decididos pela docente a fim de não comprometer a rotina pedagógica com suas turmas¹⁵.
- Caberia à professora reagendar os encontros de acordo com as demandas da escola e das crianças.
- As ações didáticas seriam conduzidas pela professora. A mim, caberia o registro e as formações.
- Combinamos, também, encontros semanais para tratarmos das ações vindouras a partir dos registros realizados – o que, no currículo cultural de Educação Física, atribuímos como uma prática avaliativa.

Durante a realização dos trabalhos, utilizávamos o tempo de estudo da professora para conversarmos sobre os acontecimentos do encontro. Toda semana saíamos com as decisões sobre o que faríamos na sequência do trabalho.

No primeiro encontro, após a professora me apresentar para a sala e explicar a proposta do trabalho, realizamos um mapeamento sobre os saberes discentes a respeito das brincadeiras. Afinal, é fundamental sabermos quais são as representações que as crianças carregam sobre o tema que será estudado. A professora, então, fez uma roda e listou as brincadeiras que eles/elas conheciam.

15. O Grupo de Pesquisas em Educação Física escolar (GPEF) se posiciona contrariamente à presença de um “especialista” de Educação Física em instituições que atendem crianças pequenas ou muito pequenas. Com isso alinha-se às concepções mais recentes sobre a educação da infância, que se mostram contrárias à fragmentação disciplinar ou à escolarização nesse segmento.

nossa intenção era verificarmos e analisarmos qual os conhecimentos que os pais tinham a respeito da prática corporal que seria tematizada.

Projeto “Brincadeira na Emei Jaguaré”

Durante o segundo semestre de 2017, estamos realizando o projeto “Brincadeira na Emei Jaguaré”. Além das crianças se divertirem com as brincadeiras, proporcionamos uma reflexão cultural sobre como elas são vistas e realizadas nos diferentes espaços.

Agora, chegou a sua vez de participar do projeto. Essa participação acontecerá em de duas formas. Primeiro, responda às questões abaixo e retorne o questionário até quarta-feira, dia 31/10.

- 1) Como eram as brincadeiras no seu tempo de criança?
- 2) Onde as crianças brincavam?
- 3) Existiam espaços propícios para que as crianças brincassem, como a rua ou o prédio?
- 4) Quais eram as brincadeiras que você costumava fazer quando pequeno? E com quem você brincava?
- 5) Era possível brincar na escola? Em que momento?

A segunda forma de participar de nosso projeto é dizendo se você tem disponibilidade de vir uma quarta-feira (a combinar) aqui na Emei Jaguaré, conversar sobre as brincadeiras de seu tempo e brincar com as crianças (da sala de seu/sua filho/filha). A ideia é que, além de conversar com as crianças, você também explique uma brincadeira que costumava fazer, para, em seguida, brincarmos todos juntos. E aí? O que me diz? Você pode/consegue vir uma quarta-feira aqui?

- SIM
 NÃO

Obrigado pela ajuda e pela atenção!

Profa. Alessandra e Prof. Arthur.

Em seguida, passamos para a vivência prática das brincadeiras. A primeira ação prática que a professora realizou com as crianças foi a vivência das brincadeiras que estavam na lista elaborada.



Fonte: Acervo da autora.

Cada vez que uma – ou mais – brincadeira era realizada, uma criança era convidada pela professora a anotar no quadro¹⁶.

16. A professora elaborou um cartaz, que foi fixado na parede da sala de aula. Toda vez que alguma brincadeira era vivenciada, uma criança registrava, colocando um “x” na frente do nome da brincadeira.



Fonte: Acervo da autora.

Nenhuma brincadeira foi desconsiderada. Todas foram incluídas na lista. Quando nos deparávamos em alguma brincadeira que ninguém conhecia, a criança que havia dado a ideia era convidada a explicar, como foi no caso da “brincadeira do Carimbó”.

Giulia: *Então, a brincadeira do Carimbó é assim, você dá um papel para todo mundo e tem que contar para ver. O Carimbó não pode ter papel. Pode ser lápis, canetinha, tinta. Se o Carimbó riscar o seu papel com a caneta preta, você tem que procurar todas as tintas de novo e colocar no seu papel. Tem que ter todas as cores. Ou pelo menos bastante.*

Nas demais brincadeiras, quando todos/as conheciam, a professora convidava quem quisesse para explicar. Houve dias que a própria professora explicou alguma brincadeira.

Sobre a brincadeira supracitada, faz-se interessante notar que que essa brincadeira é conhecida com outro nome e a professora disse isso para as crianças. Em diferentes espaços, as práticas podem assumir outras roupagens, de acordo com as características do local em que ela está acontecendo. Como aprofundamento, a professora sugeriu dois desenhos para que as crianças pudessem ver alguns personagens em situações de brincadeiras, como elas estavam realizando dentro da escola. A intenção era que as crianças vissem as mesmas brincadeiras em outros contextos, di-

ferentes daqueles que estavam comumente acostumadas. Nesse entendimento, as crianças assistiram a um desenho da Turma de Monica e um desenho da Turma da Pesada.



Fonte: Acervo da autora.

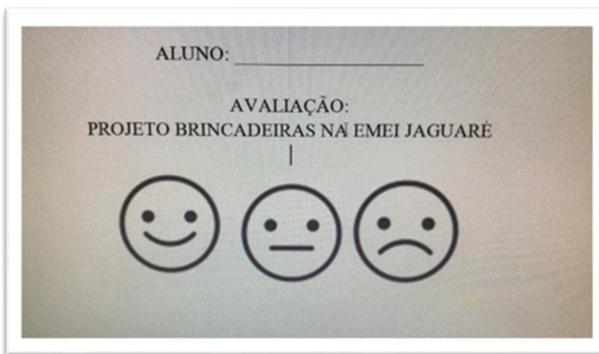
Após os desenhos, como forma de ampliar os conhecimentos das crianças acerca do tema estudado, a professora realizou uma roda de conversa com as crianças, a fim de saber se eles/elas conseguiam perceber que os personagens dos desenhos também estavam brincando. Algumas crianças responderam que sim. Como forma de registro produzido pelas crianças, a professora solicitou um desenho sobre algo que eles/elas tivessem visto que remetesse às práticas das brincadeiras realizadas na escola. Vale ressaltar que a intenção desta ação era de analisar como as crianças relacionavam as brincadeiras estudadas com aquelas realizadas em outros espaços e/ou outras situações.



Figura 1. A Turma da Monica brincou de carrinho

Fonte: Acervo da autora.

Para finalizar o trabalho, a professora entregou para as crianças uma tira de papel para que cada um pintasse a carinha que representasse como eles/elas avaliavam o trabalho realizado.



Fonte: Acervo da autora.

Considerações transitórias

Essa foi uma primeira aproximação do currículo culturalmente orientado de Educação Física e a Educação Infantil – no que se refere a essa escola –, proporcionando à docente titular o comando das ações didáticas, sem que houvesse um/a professor/a “especialista” influenciando na rotina da escola e das crianças. A todo momento, as ações foram pautadas nas respostas que as crianças traziam sobre as brincadeiras, respeitando principalmente as características do espaço e da escola, bem como de seus atores. Por essa razão, os encontros com as crianças e as vivências práticas das brincadeiras tiveram durações variadas e caminharam de acordo com o momento; ora se estenderam mais, ora menos, mas sempre quem decidiu pela continuidade ou não foi a professora. Os esforços deste trabalho recaíram na tentativa de formar a professora no currículo cultural de Educação Física para que ela, nos momentos e forma mais adequados, pudesse realizar as intervenções necessárias de acordo com as características de cada turma. Por essa razão que destacamos no início do texto que o trabalho corria em duas direções: formar a professora no currículo em questão e desenvolver um estudo/prática das brincadeiras durante as aulas na Emei.

Apoiamo-nos, a todo o momento, na sociologia da infância. Ressaltamos novamente que não descartamos a importância dos/as autores/as e pesquisadores/as com viés psicobiológico para a área da Educação Física, contudo, ao concebermos um currículo culturalmente orientado, faz-se necessário lançar nossos olhares para outros aspectos, para além do movimento mecânico e/ou obtenção de níveis mais elaborados de movimentos, de acordo com classificações prévias de faixas etárias e maturação biológica. Apoiados nos pressupostos culturais, concebemos as crianças como seres já inseridos no mundo, cada qual com suas representações acerca das coisas e das diferentes situações do dia a dia. Dito de outra forma, as crianças não são “seres a serem concebidos”, mas pessoas que permeiam a sociedade. Esse pensamento vem se constituindo desde os tempos mais remotos:

Os legisladores sabiam que a sociedade turbulenta que eles comandavam exigia um pulso firme, mas a disciplina escolar nasceu de um espírito e de uma tradição muito diferentes. [...] Os educadores a adaptariam a um sistema de vigilância permanente das crianças, de dia e de noite, ao menos em teoria. (Àries, 2017, p. 126)¹⁷

Fica claro no trecho acima que, ao “saber” exatamente o que a criança necessita, de acordo com a faixa etária em que se encontra, os adultos utilizam formas de controle, não só sobre a própria criança, mas na infância como um todo. Tanto que, não raro, encontramos definições acerca de infância e criança.

Nas palavras de Foucault, o poder disciplinar se empenha em tornar o corpo ‘mais obediente ao torna-lo mais útil, e vice e versa’. Este acréscimo, implica o aumento das habilidades e aptidões dos corpos sem ao mesmo tempo permitir que essas habilidades e aptidões sirvam como uma fonte de resistência ao poder disciplinar. (Taylor, 2018, p. 43)¹⁸

Isto posto, quem consegue dominar os corpos das crianças, consegue, também, controlar suas ações. Verifica-se que, ao se debruçar sobre conceitos psicobiológicos, em uma relação de expectativa - estímulo, atendemos prontamente aos pressupostos de dominação, os quais Foucault se refere. Ao romper com essa lógica, entendendo que as crianças possuem seus espaços garantidos exatamente por já terem representações acerca das diferentes coisas do mundo, pretendemos livrar a infância dos grilhões do controle e da dominação. O currículo culturalmente de Educação Física, *a priori*, se dedica a engrossar o grito pela resistência a partir de uma prática pedagógica mais democrática.

Um ensino que se propõe ser construído com o outro, nas relações cotidianas da Educação Física escolar, em que pe-

17. Àries, P. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2017.

18. Taylor, D. *Michel Foucault: conceitos fundamentais*. Petrópolis: Vozes, 2018.

sem significados diversos, plurais e de reconhecimento de diferenças de todos os envolvidos, além de contra-hegemônico, é uma decisão por uma forma artesanal de manufatura, compartilhada. (Neira, 2018, p. 9)¹⁹

Por esse entendimento, não há que se pensar em uma Educação Física estabelecida previamente, em que o/a docente saiba, de antemão, as necessidades de cada turma. O conhecimento deve ser construído aula a aula, a partir das falas – e silêncios – das crianças. Principalmente quando nos referimos às crianças pertencentes à chamada Educação Infantil.

Durante nossa prática pedagógica na Emei Jaguaré, constatamos, em um primeiro momento, a participação e o entusiasmo das crianças, o que nos indica que o projeto teve uma repercussão positiva. Os pais, em momentos de reuniões, também citaram o trabalho feito e como seus filhos estavam envolvidos nas atividades, porém, uma coisa que nos frustrou foi a ausência dos pais para as vivências durante as aulas. Entregamos um questionário no início do ano, perguntando, entre outras coisas, as disponibilidades para que viessem um dia na Emei brincar com seus filhos. Apesar de alguns apontarem disponibilidade, não conseguimos reunir os pais com as crianças. Isso é um ponto que deve ser revisto nos próximos trabalhos.

A aceitação e receptividade do projeto pelas crianças, corpo escolar e comunidade nos motivaram a dar continuidade em outras tematizações nos anos seguintes. Ressaltamos a importância do aumento de práticas culturalmente orientadas nas escolas destinadas à Educação Infantil, desde que sem a interferência do professor/a considerado/a “especialista”. Nesse contexto, devemos defender a formação dos/as professores/as das Emeis para que estes possam realizar suas práticas de acordo com as necessidades e anseios de suas turmas.

19. Neira, M. G. *Educação Física Cultural: inspiração e prática pedagógica*. Jundiá: Paco, 2018.